



Revista Historiar

ISSN: 2176-3267

Vol. 15 | Nº. 28 | Jan./Jun. de 2023

Pedro Vagner Silva Oliveira

Universidade Federal Fluminense/ UFF

pdrovagner@gmail.com

NOTAS EXPLORATÓRIAS: Reflexões acerca de um contato inicial em tempos pandêmicos

RESUMO

O presente texto objetiva discutir a partir de pré-entrevistas, questões relacionadas a história oral no contexto da pandemia de Covid-19 em uma rede de entrevistados formada por idosos do/no litoral piauiense. Fonte co-criada a partir da colaboração entre sujeitos, a inquietação sobre a vida humana que compõem a rede de entrevistados é o fio condutor dessa discussão.

Palavras-chave: História oral, pandemia, Piauí

ABSTRACT

The present text aims to discuss from pre-interviews, issues related to oral history in the context of the Covid-19 pandemic in a network of interviewees formed by elderly people from/on the coast of Piauí. A source co-created from the collaboration between subjects, the restlessness about human life that make up the network of interviewees is the common thread of this discussion.

Keywords: Oral history, pandemic, Piauí

Introdução

O presente texto é a versão revista do trabalho final apresentado para a disciplina de Metodologia de Cultura e Sociedade Contemporânea - Memória social, tempo presente e História Pública ofertada pelo PPGH da Universidade Federal Fluminense no primeiro semestre de 2021. Inicialmente, a proposta era refletir sobre as possibilidades dos usos de arquivos orais, em específico, o acervo de entrevistas realizadas nos anos 1980 pelo Núcleo de História Oral da Fundação Centro de Pesquisas Econômicas e Sociais do Piauí-CEPRO¹, atualmente guardado na Casa Anísio Brito, o Arquivo Público do Estado do Piauí-APPI. O Guia dessa instituição esmiúça que no APPI há um acervo de Registros Sonoros e Visuais, todavia, não é detalhado o tipo de entrevista, quantas são, tampouco o nome dos entrevistados.

O referido documento informa que no acervo “consta de 226 fitas cassetes e mais de 29 fitas de rolo, ambas com entrevistas de diversas personalidades piauienses; 12 fitas de vídeo sobre eventos culturais” (GUIA DO APEPI, 2008, s. p.). Como foi dito, os detalhes não aparecem no guia. O instrumento de pesquisa que possivelmente possui essas informações é o Inventário de Registros Sonoros e Visuais, citado nessa fonte, mas não disponibilizado no site do Arquivo.

Pesquisando noutros documentos² foi descoberto que o acervo de entrevistas depositado na Casa Anísio Brito é formado por “37 entrevistas com homens públicos que atuaram na Medicina e na Política (ex-governadores, ex-senadores, ex-deputados, ex-prefeitos, ex-veredores). Existem, também, depoimentos de pescadores, operários, entre outros”. Em junho de 2021, ao indagar o APPI sobre o acesso do Inventário e das entrevistas, foi informado que, naquele momento, o arquivo permanecia fechado em respeito a portaria nº 08 / GSG, de 08 daquele mesmo ano e março de 2021 e seu acervo não dispunha de acesso *on-line*.

Diante desse entrave, outra questão surgiu, mais urgente e que enquanto pesquisador e morador do litoral não podia me furtar: de que forma a pandemia de Covid-19 impactou e impacta o cotidiano dos “povos do mar” no Piauí? Meu projeto de doutorado em fase de desenvolvimento objetiva compreender a cultura balneária no litoral do estado entre os anos 1930 e 1980. De modo a dar conta das experiências de veranistas, trabalhadores e pescadores nas praias do Piauí, a investigação será

¹ Atualmente Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais, utilizo a antiga denominação dada a historicidade das fontes orais produzidas naquele momento.

² Buscando mais informações sobre esse acervo encontrei na Plataforma Sucupira o Projeto DINTER História UFRJ/UFPI que mencionava brevemente as entrevistas da Fundação CEPRO e sua atual localização.

desenvolvida a partir de um *corpus* documental formado por fontes hemerográficas e orais, além de livros de memórias.

Alessandro Portelli ao examinar as particularidades da história oral - das fontes produzidas a partir das entrevistas - e de documentos mais “tradicionais” no *métier* do historiador, afirmou que “as fontes escritas e orais não são mutuamente excludentes” (PORTELLI, 1997, p. 26). Fonte co-criada a partir da colaboração entre sujeitos, isto é, narrador e/ou narradora e oralista, a entrevista e a “arte da escuta” (PORTELLI, 2016), - em tempos tão incertos como o da pandemia - foi prejudicada pelo coronavírus SARS-CoV-2. A partir de 2020, o contato corpo a corpo tornou-se perigoso devido as condições sanitárias impostas, entretanto, sempre é tempo de compartilhar histórias e de valorizar experiências (BENJAMIN, 1987). Com isso, tornou-se necessário refletir sobre o tempo da entrevista, e sobre os impactos na vida dos colaboradores³ e colaboradoras elencados para a futura tese.

Embora eu busque experiências em tempos pretéritos, o colaborador ou a colaboradora estão situados em outra cronologia, no tempo da entrevista, no agora. Temporalidade essa que nutre a narrativa, tendo em vista que “a experiência descrita tem uma base, o presente” (RICOEUR, 2007, p. 50). Em seu trabalho sobre idosos em São Paulo, Éclea Bosi sensivelmente afirmou, “uma pesquisa é um compromisso afetivo, um trabalho ombro a ombro com o sujeito da pesquisa” (BOSI, 1994, p. 38). Partindo disso, a preocupação apresentada nesse texto não se dá apenas acerca do andamento da pesquisa e as suas fronteiras acadêmicas, mas também, enquanto inquietação sobre a vida humana e experiências dos idosos que compõem a rede de entrevistados.

Redes

Em seus primeiros anos no Brasil a história oral e seu uso eram contestados na academia. Marieta de Moraes Ferreira afirmou que “na área de História podia-se notar uma resistência forte, enquanto, antropólogos e sociólogos demonstravam uma certa indiferença” (FERREIRA, 1996, p. 13-14). Contudo, nas últimas décadas, a emergência dos debates sobre memória e tempo presente, e a renovação do/no

³ Utilizo os termos colaborador/colaboradora ou narrador/narradora quando for me referir a quem entrevistei. Esses termos foram sugeridos respectivamente por Alessandro Portelli (2016) e José Carlos Sebe Bom Meihy (2005) no lugar de testemunha ou depoente, pois compreendem que a “fonte oral” criada durante entrevista é dialógica e colaborativa.

campo historiográfico permitiram “que a história oral ocupe um novo espaço” (FERREIRA, 2002, p. 323) nos estudos históricos. As Ciências Sociais e mesmo áreas fora das Humanidades abraçaram-na.

Técnica, método, campo, ou procedimento, muitas são as formas de entender e usar a história oral. Dentre as distintas concepções, adoto a história oral compreendida por José Carlos Sebe Bom Meihy (2005). Para esse historiador, trata-se de “um conjunto de procedimentos que se iniciam com a elaboração de um projeto e que continuam com a definição de um grupo de pessoas (ou colônia) a ser entrevistados” (MEIHY, 2005, p. 17-18). Antes de detalhar o que é colônia, e os personagens que a compõem na investigação, é importante explicar o conceito de *comunidade de destino*, sendo esse, o “resultado de uma experiência que qualifica um grupo, dando-lhe princípios que orientam suas atitudes de maneira a configurar uma coletividade com base identitária” (MEIHY, 2005, p. 72).

Partindo disso, em minha investigação, as praias piauienses são as referências coletivas, importando dessa maneira o público genérico frequentador das praias de Pedra do Sal e Atalaia. É o indivíduo quem lembra, já afirmou o sociólogo Maurice Halbwachs (1990). Lembramos, entretanto, “pelos outros” (HALBWACHS, 1990, p. 26). Devido à alteridade, no contato com o próximo é que as memórias são evocadas e compartilhadas. Possuímos um corpo e esse, ocupa ou ocupou algum lugar, desta feita, “temos a espacialidade corporal e ambiental inerente à evocação da lembrança” (RICOEUR, 2007, p. 157). A faina e o vai e vem nas ruas das cidades, os passeios pelo campo, as temporadas de veraneio nas praias e toda atividade, e experiência humana é realizada em um determinado espaço físico, que por sua vez, não está alheio ao trabalho da memória.

No que tange a *colônia*, se trata de “um grupo amplo que dentro do mesmo padrão de afinidades históricas, tenham experiências que possam ser diferenciadas, dando vida à análise que foge do biográfico” (MEIHY, 1996, p. 53). Fazem parte da colônia os cidadãos que faziam vilegiatura, cidadãos que iam trabalhar nas praias; e os pescadores e demais indivíduos que moravam em Pedra do Sal e Atalaia. A partir daí, delineeí oito redes: homens cidadãos que faziam vilegiatura; mulheres cidadinas que faziam vilegiatura; homens que iam trabalhar na praia; mulheres que iam trabalhar na praia; pescadores de Pedra do Sal; pescadores de Atalaia; mulheres trabalhadoras de Pedra do Sal e mulheres trabalhadoras de Atalaia.

As comunidades pesqueiras são grupos socioeconomicamente vulneráveis, sofrendo há anos com a violação de seus territórios, com a poluição das águas (doces e salgadas) e a implantação de empreendimentos públicos ou privados que muitas vezes não consideram os direitos dessas pessoas (BARROS et al, 2021). Conforme o Relatório dos Conflitos Socioambientais e Violações de Direitos Humanos em Comunidades Tradicionais Pesqueiras no Brasil, durante a pandemia do Covid-19, “as comunidades não contaram com estrutura do estado para controlar a propagação do vírus, de forma que rapidamente o número de pessoas contaminadas e óbitos atingiu frontalmente muitas regiões” (BARROS et al, 2021, p. 8). Diante disso, analisarei neste artigo somente os impactos do vírus no cotidiano das redes compostas por velhos moradores de Pedra do Sal (Parnaíba) e Atalaia (Luís Correia).

Momento único e que não se repete, a entrevista como afirmou Paul Thompson, “implica uma ruptura da fronteira entre a instituição educacional e o mundo, e entre o profissional e o público comum” (THOMPSON, 1992, p. 32). Cada entrevista possui sua peculiaridade. Quando se utiliza a história oral numa investigação, é importante não esquecer que as entrevistas e as memórias perpassam por diferentes temporalidades. Para Lucília Delgado,

a relação entre múltiplos tempos, também é inerente ao documento produzido. Nele estão presentes o tempo passado pesquisado, os tempos percorridos pela trajetória de vida do entrevistado e o tempo presente que orienta e estimula tanto as perguntas do entrevistador que prepara o roteiro do depoimento como as respostas a essas indagações (DELGADO, 2006, p. 16).

No que diz respeito ao tempo presente, desde março de 2020, quando a OMS declarou que passávamos por uma pandemia, o fluxo do tempo no mundo todo foi alterado devido o COVID-19. François Hartog assinalou outra temporalidade causada pela pandemia, a do vírus. Segundo o historiador francês, “o surto do vírus e sua rápida disseminação abrem um novo tempo que é uma forma de *kairós*: ele vem romper o curso do tempo *cronos* ordinário” (HARTOG, 2021). A crise sanitária que logo se impôs em todas as esferas da sociedade fez com que medidas de isolamento e distanciamento social fossem adotadas. Tendo em vista as questões sanitárias que transcorriam e transcorrem – já que novas variantes do vírus ainda nos assombram - a vida de todos, sobretudo as camadas pobres da população, se tornava imperioso meditar sobre tal temporalidade. Apesar de ter acometido todo o globo, “a experiência

da COVID-19 não tem nada de ‘democrática’” (LUZ e CAROLY. 2021, p. 68). A pandemia sublinhou os problemas sociais existentes em várias partes do Brasil e do globo e os adensou.

Na primeira semana de junho de 2021 o vírus ceifava em média mais de duas mil vidas por todo o país. Dois meses antes, os veículos de imprensa noticiavam que o Brasil pela primeira vez registrava mais de quatro mil mortes por covid (PORTAL G1, 2021). Enquanto na primeira onda o chamado grupo de risco eram idosos e pessoas com alguma comorbidade, na segunda, em 2021, “a proporção de casos e óbitos por faixa etária se modifica, dando, assim, os maiores destaques para a população jovem” (PORTO-GONÇALVES, ROCHA e TRINDADE, 2022, p. 49). Diante do calamitoso panorama, deslocamentos ainda eram arriscados e entrevistas presenciais, desaconselháveis.

Se no contexto da pandemia o trabalho remoto forçosamente invadiu os lares. Com as entrevistas realizadas à distância, pesquisadores tiveram a possibilidade de adentrar as casas dos narradores. Essa prática não é novidade entre oralistas, tornou-se apenas mais utilizada. Conforme Jessica Stroja, “como um resultado da pandemia, o método de trabalho já utilizado frequentemente por aqueles que enfrentam barreiras à deslocação tornava-se uma ocorrência muito mais generalizada⁴” (STROJA, 2020, p.194). Vinte e dois anos antes, numa conferência proferida no X Congresso Internacional de História Oral, no Rio de Janeiro, Philippe Joutard levantou uma série de provocações sobre a história oral no século XXI, uma dessas, era acerca da “boa utilização das novas tecnologias pela história oral” (JOUTARD, 2000, p. 41). Naquele momento o historiador francês não citava a realização de entrevistas remotas, mas sim, a possibilidade de além da voz, também ser gravada a imagem do colaborador, o que implicaria outras questões interpretativas.

Embora a proximidade física não exista no diálogo remoto, e seja prejuízo ao encontro, uma vez que “é por meio do corpo que a entrevista de história oral acontece” (SANTHIAGO e MAGALHÃES, 2020, p. 3), há, mesmo nas pré-entrevistas feitas à distância, uma aproximação de afetos e de diferentes gerações. Sendo esse, parte importante dos procedimentos da história oral. Nele, se constroem laços de amizade e confiança. Momento ímpar para o projeto, ainda segundo Bosi,

⁴ Tradução do autor, no original: “as a result of a pandemic, the method of work already in frequent use by those who face barriers to travel was becoming a much more widespread occurrence”.

A pré-entrevista, que a metodologia chama 'estudo exploratório', é essencial, não só porque ela nos ensina a fazer e refazer o futuro roteiro da entrevista. Desse encontro prévio é que se podem extrair questões na linguagem usual do depoente, detectando temas promissores. A pré-entrevista abre caminhos promissores para a investigação (BOSI, 2003, p. 60).

De modo geral a pré-entrevista é o passo inicial para o percurso do trabalho da escuta. Sendo não somente de caráter "técnico", no qual serão explorados temas para os roteiros das futuras entrevistas, mas também afetivo e ético, tanto na modalidade presencial, quanto remota. Tal momento é oportuno para "garantir ao entrevistado toda informação possível sobre o pesquisador e sobre o projeto de pesquisa, de modo que ele fique assegurado em relação à confiabilidade do projeto e à idoneidade do entrevistador" (SANTHIAGO e MAGALHÃES, 2020, p. 9-10). A partir das pré-entrevistas realizadas por mim, as primeiras impressões e questões surgidas nesse momento serão utilizadas em futuras entrevistas. As narrativas ainda servirão de fonte para pesquisas sobre temas abordados pelos narradores.

Dentre os vários aplicativos, optou-se pelo *WhatsApp* para realizar o primeiro contato com os colaboradores. A escolha desse software em detrimento de outros, como *Google Meet* ou *Skype*, seguiu a lógica da ampla utilização das pessoas de diferentes faixas etárias e níveis escolares, sendo um aplicativo que tanto oralista, quanto narradores e/ou sua rede familiar possuem familiaridade por conta do uso diário. As pré-entrevistas tiveram o caráter exploratório, por isso, nossas conversas - a fim de não tomar muito o tempo dos colaboradores, tampouco de os cansar - não duraram mais que meia hora. Acerca disso, Walter Benjamin ao analisar a arte de narrar, em uma de suas belas metáforas, comentou, "o tédio é o pássaro que choca os ovos da experiência. O menor sussurro nas folhagens o assusta" (BENJAMIN, 1987, p. 204). Para o intelectual alemão, o tédio é a fadiga psíquica, sendo o mesmo que o sono é para o corpo físico. É preciso lembrar que a experiência de entrevistas remotas pode se tornar fatigante para todos os envolvidos. A brevidade do encontro remoto daquele momento, portanto, teve como intuito manter o pássaro no ninho, com a esperança de que no futuro, esse viesse chocar os ovos da experiência em uma possível conversa presencial.

Pré-entrevistas: notas de um contato inicial

A primeira pré-entrevista ocorreu no dia oito de junho de 2021, feita com o casal de idosos Francisca Eloisa e João Borges. O contato inicial foi realizado por meio da rede social *Instagram* com Luana Mendes, historiadora e neta do casal. Conteí sobre a pesquisa e que eu buscava com ela uma mediação para entrevistar seus avós, objetivando ouvir suas vivências na praia de Atalaia em Luís Correia, local onde moram. Realizados os aceites, a conversa inicialmente foi marcada para sábado, às 15 horas. Todavia, o encontro virtual não aconteceu. Naquele mesmo dia um jogo de futebol foi televisionado e João Borges assistiria.

Nem só de histórias e compartilhamentos é feita a história oral, mas também de eventualidades. “O tempo influencia as circunstâncias do relato em termos de circunstâncias” (PORTELLI, 2004, p. 299), já advertiu Alessandro Portelli. Não é incomum que as agendas do oralista e do/da narrador/narradora deixem de coincidir. O trabalho da escuta é marcado igualmente por desencontros e caso a história oral seja entendida enquanto ofício de colaboração - trabalho feito em conjunto -, uma das partes pode no dia agendado estar impossibilitada de falar/ouvir. Remarcamos para terça-feira da semana seguinte às 15 horas. O casal de idosos na hora marcada dormia e por isso demoramos algum tempo para iniciar a chamada. Depois de acordados, Luana sinalizou para que eu pudesse fazer a chamada. Por ser vizinha e conviver cotidianamente com os avós, ela se deslocou até a moradia do casal. Como os idosos não possuíam *smartphone*, a chamada foi feita no de sua neta e foi ela a responsável por todo o processo técnico do uso da plataforma. Optou-se em acordo com os colaboradores, por não gravar a chamada de vídeo.

Farei um breve parêntese a fim de discutir a pré-entrevista e como foi registrada. Santhiago e Magalhães ao analisarem a oficina ofertada pelo Instituto de História Oral da Universidade Baylor e Associação de História Oral dos Estados Unidos, discutem o papel da pré-entrevista, que na modalidade remota, adquire novas funções, dentre elas, a de ser “o momento ideal para a checagem das dificuldades técnicas, para a avaliação ambiental, para a orientação do narrador no tocante ao uso da plataforma ou do software adotado” (SANTHIAGO e MAGALHÃES, 2020, p. 14). Como o software escolhido foi o *WhatsApp*, existiam contatos habituais entre os familiares dos colaboradores (mediadores) e o aplicativo, desse modo, não tivemos problemas quanto ao manuseio. Acerca dos usos da tecnologia na história oral, Philippe Joutard já alertava, “é preciso, de novo, estarmos atentos a suas limitações e, conhecê-las bem, para delas não sermos vítimas” (JOUTARD, 2000, p. 42).

Destarte, é preciso fazer alguns comentários sobre as fronteiras das pré-entrevistas ou mesmo da realização de entrevistas remotas.

Primeiro, o acesso à *internet* no Brasil ainda é um privilégio. Lembro-me que em um dado momento da disciplina na UFF, tivemos a participação de uma liderança quilombola. A fim de falar conosco, a idosa teve de ir até a escola da comunidade para se conectar ao *wi-fi*. Mesmo nos maiores centros urbanos, muitos grupos não possuem, sequer um *smartphone* com acesso à internet de qualidade. Em certas famílias o aparelho na pandemia, foi dividido por todos os membros. Outra questão é a geracional. O público com o qual trabalho são idosos, a mais jovem tem 79 anos e muitos não possuem *smartphone*. Aparelho esse “usado pela quase totalidade dos usuários de Internet (99%)” (PAINEL TIC COVID, 2022, p.11). Outros sujeitos desse grupo etário não são familiarizados com a referida tecnologia.

A falta de inserção dos potenciais colaboradores no mundo digital, portanto, foi empecilho. Além do casal, Francisca Eloisa e João Borges, que não tinha acesso direto ao *Whatsapp*, outro entrevistado, Garaju, possuía um antigo aparelho móvel, mas somente para “receber e fazer ligações”, como ele mesmo disse. Um desafio bastante presente no “ensino emergencial”, em entrevistas e até mesmo aos expectadores de transmissões ao vivo, era o da conexão oscilante. Faziam parte desse cenário, imagens congeladas e áudios em “cortes”. Nos encontros síncronos feitos com os três idosos a chamada de vídeo não apresentou problemas incontornáveis na conectividade. Por outro lado, ruídos externos ao ambiente escolhido pelos colaboradores e conversas de membros da família que apareciam ao fundo da imagem fizeram parte do diálogo com os idosos.

As impressões da conversa com todos os colaboradores foram escritas em caderno de campo. Enquanto metodologia ou campo interdisciplinar, a história oral muito deve à Antropologia e às Ciências Sociais. Segundo Paul Thompson, “algumas das técnicas antropológicas, como tipos não invasivos de observação participante, mantendo um caderno de campo para registrar o que notou” (THOMPSON, 2006, p. 21). O caderno de campo é um importante meio para documentar o antes e o depois da entrevista; alguma palavra, ou expressão que o oralista desconhece.

O caderno de campo se faz necessário ainda para a transcrição⁵ ou edição textual das entrevistas. Ali são anotados bocejos, gestos, sorrisos, olhares, e devido

⁵ A transcrição é uma solução sugerida para a apresentação final das narrativas textualizadas. Enquanto processo criativo esse tratamento da narrativa oral visa não só traduzir para o leitor a entrevista, mas também recriá-la.

minhas experiências de pesquisas anteriores com pescadores do Maranhão e do Piauí, anoto e depois explico a quem lerá meus textos os sentidos das frases entendidas somente no momento das entrevistas. As comunidades pesqueiras possuem ricos saberes oriundos do ofício. Lua de quarto, maré de viração e banzeiro são alguns conceitos das sociedades pesqueiras do Piauí, desconhecidos por quem não está imerso com/nas lides de pesca.

Portelli já apontou para os limites da transcrição literal. A transposição do oral para o escrito se assemelha com o trabalho da tradução, dessa forma, “uma tradução verdadeiramente fiel sempre implica certa quantidade de invenção” (PORTELLI, 1997, p. 27). Gestos, silêncios, eventos paralelos a entrevista e entonações, também merecem registro. Para além, são anotadas expressões regionais como, “bem ali”, indicando determinado local; ou palavras que significam imprecisões, tais como, “daqui como ali”, “desse tamanho”, “essa coisa aí”.

As expressões ouvidas na entrevista são mantidas nas transcrições, todavia, “traduzidas” para quem as lê a partir das anotações feitas ao longo do trabalho da escuta. Nesse sentido, o caderno de campo está intimamente ligado com a pesquisa e com o projeto de história oral, pois, ele “se torna um referencial obrigatório nas finalizações dos trabalhos. A validade dele como elemento de registro garante a trajetória da evolução do trabalho, que varia em vista do projeto inicial” (MEIHY, 2005, p. 187-188). Antes de iniciar a discussão sobre as pré-entrevistas feitas, é mister fazer outras considerações. A primeira, de que foi possível a partir do diálogo síncrono com Dandão, Francisca Eloisa e Garajau, refletir sobre a operação da memória em idosos. No processo de rememoração no indivíduo adulto a “memória é fuga, arte, lazer, contemplação” (BOSI, 2003, p. 60). Imerso, ou imersa com a labuta diária, o ato de rememorar no adulto com vida ativa é fuga, pois o tira momentaneamente do labor do dia a dia.

Por sua vez, o idoso, “ao lembrar o passado ele não está descansando, por um instante, das lides cotidianas” (BOSI, 2003, p. 60). É no próprio agora, em seus afazeres do tempo presente que o trabalho da memória se opera nos velhos. Bosi ao discutir memória e envelhecimento em Maurice Halbwachs, afirmou que aos idosos, a sociedade os encarregou de um dever: “a obrigação de lembrar” (BOSI, 2003, p. 63). Diante disso, busquei interpretar a partir das reminiscências, os significados e subjetividades. Tão importante quanto o que se lembra e como lembra, a narrativa,

essa “forma artesanal de comunicação” (BENJAMIN, 1987, p. 205) também deve ser considerada, ainda que em pré-entrevistas.

Começamos a reconstruir o momento das pré-entrevistas. Luana foi a responsável por posicionar a tela do *smartphone* em um ângulo que os colaboradores, Dandão e Francisca Eloisa, cada um em sua fala, pudessem me ver e vice-versa. Quase como se esperassem uma visita presencial, o terraço, lugar da casa para se receber visitas, foi o local escolhido pelos idosos para o diálogo. Quem sabe pela melhor luminosidade ou por ser o ambiente mais ventilado, já que a tarde estava bastante quente. Com o intuito de deixar os colaboradores livres para narrarem o que quisessem, não formulei roteiro. Procurando conhecer um pouco mais o narrador e a narradora, vez ou outra eu fazia pequenos estímulos para continuarem a narrar. Toda a conversa durou meia hora.

João Borges Rodrigues, seu Dandão, foi o primeiro a falar, se apresentou, dizendo o nome e o apelido como era mais conhecido. Sentado em uma cadeira, o idoso de 82 anos tinha recebido a primeira dose⁶ da vacina contra a COVID-19, aguardando a segunda. Nascido em Luís Correia, foi pescador e prático de navio durante anos, exercendo a segunda função até se aposentar. Realizava igualmente a pesca no mar, curiosamente, na cidade há um porto pesqueiro com seu nome: Porto do Dandão. De acordo com ele, ingressou nas artes da pesca entre os 14 ou 16 anos. Contou que pescava usando groseiras⁷, e me perguntou se eu sabia o que era. O colaborador pouco falou da pesca, mencionando somente que o pai também foi prático e pescador. Naquele momento, o ancião falou do trabalho de prático. Era ele o responsável por colocar os barcos que vinham ao porto de Luís Correia para dentro e fora do rio. Orgulhava-se da habilidade e de ser um dos poucos a fazer isso.

Quando algum narrador conta uma história, nela é posta muito de si: suas visões de mundo e particularidades, desse modo, “se imprime na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso” (BENJAMIN, 1987, p. 205). As marcas de cada narrador ou narradora nas experiências narradas revelam os valores repassados no momento da entrevista. Para Portelli, “a construção da narrativa revela um grande empenho na relação do relator com sua história” (PORTELLI, 1997, p. 31). No caso desse idoso, a marca de sua narrativa é, possivelmente, o orgulho de ser um

⁶ Até aquele dia 20,64% da população piauiense tinha sido vacinada com a primeira dose da vacina contra a COVID-19.

⁷ Uma das várias artes de pesca. Feita artesanalmente, e empregada na pescaria de mar. Nesse apetrecho, são colocados em uma linha de nylon vários anzóis, podendo chegar às vezes até duzentos.

homem do mar (tanto pescador quanto prático, mas principalmente pelo segundo ofício) e ser por isso, reconhecido pela Capitania dos Portos do Piauí com o certificado de “Amigo da Marinha”, falando que em várias ocasiões fez coisa importante.

Como prova de sua importância, ao fim da chamada de vídeo, Dandão entrou em casa e buscou a honraria exposta na parede da sala. Mostrando-me pela câmera o título emoldurado num quadro, sorria e disse ser uma autoridade no lugar em que vive. Quando se faz uma entrevista presencial, é comum que os narradores mostrem a quem os escuta, seu acervo particular. Fotos de família, documentos ou objetos que ajudam a contar as histórias, são buscados e mostrados como relíquias, cuidadosamente guardadas por seus detentores. No encontro síncrono, embora o velho tenha mostrado o documento e fosse possível vê-lo, ainda que com certa dificuldade, há perdas. Além da limitação visual, já que pequenos detalhes como avarias, remendos, desgastes e mesmo cores são distorcidos pela câmera. Outra que deve ser mencionada é a falta do contato físico com o objeto. A distância impossibilita sua manipulação, de folhear e de usá-lo com maior ênfase na própria narrativa.

Após a conversa com seu Dandão, dona Francisca Eloisa, de 78 anos, disse que gostaria de falar algumas palavras. E imediatamente outra narradora eloquente se manifestou. Nascida “no tempo em que Luís Correia se chamava Amarração”, o pai era vaqueiro e iam de trem até Parnaíba entregar o leite de cabras criadas no quintal de casa. Nesse contato inicial sua fala foi pautada na ruptura e descontinuidade temporal: entre o ontem e o hoje. Para a narradora, a tranquilidade da antiga Amarração contrasta com o dinamismo da atual turística Luís Correia.

Chamou atenção não só a forma como a colaboradora narrava, mas também quando disse ter nascido no “tempo da Amarração”. Luís Correia se chamou Amarração até 1935, tendo nesse ano, permutado o nome para o atual por meio da lei estadual nº 6 de 4 de setembro de 1935. A colaboradora possui 78 anos, ou seja, nascida em 1943. Assim, quando nasceu, a cidade já possuía a atual nomenclatura há oito anos. O que então significaria essa “deturpação”? Uma possível “mentira”, ou um “erro” da memória da colaboradora? Buscar a verdade em uma narrativa oral não importa, uma vez que não “há ‘falsas’ fontes orais” (PORTELLI, 1997, p. 32). É preciso atentar ao que foi narrado, como foi, e o que significa, diante disso, serão compreendidas as memórias evocadas no encontro.

Thompson ao discorrer sobre a terapia da reminiscência, afirmou que “cada vez mais os especialistas em envelhecimento têm reconhecido que entregar-se a

reminiscências pode ser uma maneira interessante de os idosos manterem o sentimento de sua identidade em um mundo em mudança” (THOMPSON, 1992, p. 40). Apesar de não ser meu intento fazer terapia de reminiscência com os entrevistados, a história oral de certa maneira possui o papel de reanimar o espírito. Assim, a partir do primeiro contato entendi que a fala de Francisca não estava somente preche de nostalgia, mas também seria uma constatação.

Svetlana Boym definiu a nostalgia enquanto “desejo por um lar que não existe mais ou nunca existiu” (BOYM, 2017, p. 153). Se na historiografia tal sentimento surgido com a modernidade é entendido como saudosismo, na memória essa sensação “revela sua outra face: a crítica da sociedade atual e o desejo de que o presente e o futuro nos devolvam alguma coisa preciosa que foi perdida” (BOSI, 2003, p. 67). Desse modo, a colaboradora ao falar que o mundo o qual cresceu, seguro, tranquilo, e que pode ser entendido como Amarração, não existe mais, tornou-se outro, agora desconhecido, ou seja, Luís Correia.

As festas da juventude que ocorriam por horas, e que ela tanto gostava de dançar, ficaram no passado e em suas memórias. Dona Eloisa pode ser vista como uma “historiadora” que de maneira nostálgica e crítica, dá conta das transformações ocorridas na pequena cidade. Transformações que causam não apenas saudade, mas também espanto e lamento devido ao aumento da violência no lugar. A história oral “ajuda os menos privilegiados, e especialmente os idosos, a conquistar dignidade e autoconfiança” (THOMPSON, 1992, p. 44). Aposentados, seu Dandão e dona Francisca Eloisa já não trabalham mais, mantendo ainda a vida social ativa, realizando os serviços domésticos. Os vizinhos mais próximos são filhos, filhas, netos e netas que quando necessário os amparam. Seu Dandão contou que uma das netas realizava as compras do mês. A família tornou-se a principal rede de apoio do casal de velhos em tempos pandêmicos, sendo inclusive, pilar importante para a realização de nosso encontro remoto.

A segunda pré-entrevista foi realizada com José Maria dos Santos. Considerado pela comunidade como o pescador mais antigo de Pedra do Sal ainda em atividade⁸. Seu Garajau, como é conhecido, possuía 81 anos de idade e nasceu no Cal, na época, povoado de Parnaíba, e atualmente bairro do município de Ilha Grande, vindo morar na vila praiana quando criança. Como não dispunha de sinal de

⁸ Infelizmente em 2022 Garajau veio a óbito, poucos meses depois de uma entrevista presencial no terraço de sua casa. Aqui deixo meu enorme agradecimento ao velho pescador por compartilhar sua vida e memórias comigo.

internet, o idoso se deslocou até a casa de um dos filhos que também é seu vizinho. Diferente dos dois outros colaboradores que moram no centro de Luís Correia; Garajau habita uma zona menos urbanizada. Nessa praia, a qualidade da rede de telefonia é baixa, a da *internet* residencial não é muito diferente. Mais uma vez pude contar com seus familiares para a execução da pré-entrevista, que foi marcada para um sábado às 13h30, dia em que não estava no mar. Como o colaborador não possuía *smartphone* com tecnologia que permitisse a videochamada, fizemos pelo de sua nora, Maria. Para o diálogo, um local na área externa da casa foi organizado, onde não houvesse interferência de outras conversas, já que naquele mesmo dia, a cunhada de Maria, sua vizinha, também almoçava ali. Apesar do zelo, as vozes ao lado participaram involuntariamente do nosso diálogo.

Enquanto os outros dois colaboradores eram-me desconhecidos, seu Garajau possuía certa aproximação devido pesquisas anteriores⁹. O velho pescador, acostumado a ceder entrevistas, sentia-se à vontade com o encontro síncrono, cantando até mesmo uma embolada que compôs. Pouco olhava para a câmera, dispersando o olhar da tela. Talvez algum evento roubasse sua atenção durante a conversa. Vez ou outra Garajau aproximava o *smartphone* ao ouvido, quiçá, a fim de escutar melhor. Esse gesto me faz pensar se em algum momento a conexão falhou e se meu áudio chegava cortado ou com interferência. É possível também, que seja uma limitação física do próprio colaborador, já que segundo ele, possuía alguns problemas de audição e mesmo com o áudio no máximo, ainda tivesse certa dificuldade.

A pré-entrevista durou 22 minutos, e o pescador disse estar bem de saúde, mantendo a labuta no mar e que era admirado pela resistência. A pesca praticada desde criança era a razão de seu vigor, explicou Garajau. Embora aposentado, o colaborador ainda ia ao mar, mesmo quando as medidas sanitárias ficaram mais restritivas. Além das necessidades materiais, essa atividade era de grande importância afetiva. O idoso afirmou que caso não trabalhasse, definharia numa cama. E sorridente disse, “amanhã mesmo eu vou ao mar matar uma cavala!”. Garajau morava em Pedra do Sal, vila de pescadores localizada numa ilha do Delta do Parnaíba, e fora do perímetro urbano de Parnaíba. O colaborador contou que em sua

⁹ Refiro-me ao projeto “Memória da Colônia Z-7 de Morros da Mariana”, Ilha Grande, realizado em conjunto com a Comissão de aniversário da referida instituição; e da monografia “Os cata – ventos da Pedra do Sal, de autoria de Thalita Caroline dos Santos Correia, defendida em 2020 na Universidade Estadual do Piauí, campus Clóvis Moura, Teresina, Piauí.

juventude, os veranistas, chamados de “os brancos”, passavam as férias na praia. A vinda do grupo modificava o cotidiano praiano. O peixe se tornava mais procurado, e os pescadores lucravam um pouco mais, vendendo diretamente às famílias.

O velho pescador narrava com detalhes, afirmando gostar muito de falar sobre a década de 1950, possivelmente pelo fato de ser criança e adolescente nesse período. E assegurava ser diferente dos demais moradores, pois poucos no lugar conseguiam conversar igual a ele sobre o passado. Há quase cem anos Benjamin criticou que o compartilhar de histórias estava se perdendo. A arte de narrar rareava-se e a “difusão da informação é decisivamente responsável por esse declínio” (BENJAMIN, 1987, p. 203). Na modernidade apressada, valoriza-se o agora e a informação instantânea.

A urgência da produção industrial invadiu as relações sociais, essa sociedade “rejeita o velho, não oferece nenhuma sobrevivência à sua obra. Perdendo força de trabalho ele já não é produtor nem reproduzidor” (BOSI, 1994,77). Os idosos em sociedades “tradicionais”, como as pesqueiras, são responsáveis por “arquivar” memórias. São eles “o vínculo com outra época” (BOSI, 1994, p. 82). Vendo-se como um dos últimos guardiões da memória coletiva da comunidade, Garajau assim se apresentou. Ainda que haja pessoas mais velhas, o idoso explicou que devido ao avanço da idade, já não lembram mais, afinal, “o tempo tira tanto quanto acrescenta” (PORTELLI, 2004, p. 299). Por ainda possuir a capacidade de rememorar, o velho pescador mostrava-se enquanto voz autorizada. A pré-entrevista de Garajau realizada pelo *Whatsapp* é um termômetro para aferir os conflitos pela/da memória. O pescador indicou outro idoso, ressaltando que esse por ser mais novo, tinha menos lembranças. Garajau se vê enquanto guardião da memória local, não só pela idade, mas também porque sabe “de histórias tanto que viveu, e de outros com quem conviveu”.

Considerações finais

Desde os primeiros usos na academia a história oral se transformou. Desconfianças, questionamentos sobre procedimentos técnicos, problemas epistemológicos e outros desafios foram motores para a (re) construção da metodologia. No início desse decênio, o desafio para os oralistas não veio de seus pares, mas do tempo histórico o qual estávamos inseridos: a pandemia da Covid-19. O tempo no século XXI, quase tão veloz quanto as informações enviadas e recebidas,

desacelerou. A fim de resguardar a saúde individual e coletiva, fomos aconselhados, caso pudéssemos, a nos mantermos em casa. Diante disso, um desafio se impôs ao trabalho da escuta, e talvez mais urgente para pesquisas em andamento: de que maneira documentar as experiências? Quais estratégias podiam ser adotadas?

Longe de trazer um caminho, esse texto discutiu a partir da experiência de pré-entrevistas durante o período de distanciamento social causado pela pandemia de COVID-19, a possibilidade de fazer história oral em tempos difíceis. Por meio desse estudo exploratório foram apreendidas informações sobre os colaboradores. O laço com esse público não se encerra com o desligar do gravador ou do aplicativo. A historiadora Marta Rovai chamou atenção quanto a isso, “não devemos ir embora, simplesmente, sem considerar a responsabilidade com aquelas histórias” (ROVAI, 2021, p. 61). A família dos narradores contactados mais do que nunca tiveram o papel de rede de amparo afetivo e social. Alguns idosos que se mantiveram isolados, e em casa, como Dandão e Francisca Eloisa, valeram-se do auxílio de filhos e netos para fazer compras, pagar contas, ou resolver algum problema fora de casa. Outros, como Garajau, mantiveram-se trabalhando devido às necessidades materiais e pessoais. É importante ainda, ressaltar que como foi visto, os familiares foram valiosos apoios técnicos para o contato e realização do encontro remoto.

Apesar do êxito da experiência remota, os idosos preferiam o encontro presencial. Algo impossível em junho de 2021. Naquele momento, colaboradores e eu vislumbrávamos os encontros num futuro próximo, quando maior parte da população fosse imunizada. Passados mais de um ano e graças às vacinas, a ciência e ao Sistema Único de Saúde, os encontros presenciais são realidades e pude fazer entrevistas presenciais. Embora as entrevistas remotas tenham menos custos financeiros, essa modalidade consolidou-se enquanto outro caminho, como apontou Stroja (2020). Desse modo, é preciso considerar a particularidade da “comunidade de destino” de cada pesquisa: o público com quem a investigação é realizada também possui aparelho? há acesso à internet em suas casas?

Nas pré-entrevistas pode-se observar como cada idoso se construiu na própria narrativa durante o encontro síncrono. Dandão pode ser entendido como autoridade legitimada por uma instituição. A fala de Francisca Elóisa se direciona para a crítica do atual mundo em que vive, devendo ser entendida não como saudosista, mas enquanto observadora ativa do tempo. Já Garajau, apresentou-se como o guardião da memória de sua comunidade. Longe de delimitar esses sujeitos em poucas

palavras, essa descrição é somente uma tentativa de conhecê-los, e de a partir do que foi narrado, criar eixos temáticos para entrevistas futuras.

Referências

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**. *Ensaio sobre literatura e história da cultura*. V. 1. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória**: ensaios de psicologia social. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**. Lembrança de Velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BOYM, Svetlana. Mal-estar na nostalgia. **Revista de História da historiografia**. Ouro Preto, nº. 23, abril, 2017, p. 153-165.

BARROS, Sávio et al (Orgs). **Relatório dos Conflitos Socioambientais e Violações de Direitos Humanos em Comunidades Tradicionais Pesqueiras no Brasil**. CPP. 2, ed. Olinda, 2021.

FERREIRA, Marieta de Moraes. História, tempo presente e história oral. **Topoi**, Rio de Janeiro, dezembro 2002, pp. 314-332.

G1. (2021). Brasil bate marca de 4 mil mortes por Covid registradas em um dia pela 1ª vez e soma 337,6 mil na pandemia. Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2021/04/06/brasil-bate-marca-de-4-mil-mortes-por-covid-registrados-em-um-dia-e-soma-3376-mil-na-pandemia.ghtml>.

Acessado em 19 de janeiro de 2023.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice/Revista dos Tribunais, 1990.

HARTOG, François. A Covid e o tempo: “who is in the driver’s seat?”. In: **HH Magazine – Humanidades em Rede**. Tradução de Temístocles Cezar. Publicado Original, em francês, no jornal AOC. Analyse. Publicado em 03 fev. de 2021. Disponível em: <https://hhmagazine.com.br/a-covid-e-o-tempo-who-is-in-the-drivers-seat/>. Acessado em 23 de junho de 2022.

JOUTARD, Philippe. Desafios à História oral do século XXI In FERREIRA, Marieta de Moraes; FERNANDES, Tania Maria; ALBERTI, Verena (Orgs.). **História oral: desafios para o século XXI**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2000, p. 31-45.

LUZ, Thiago; CAROLY, Andressa. Reflexões sobre a Covid-19: pandemia, neoliberalismo e militarização. **Espirales**. Dossiê Especial: Covid-19 na América do Sul. Foz do Iguaçu, 2021, p. 67-75.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de História Oral**. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

PAINEL TIC COVID-19. **Pesquisa on-line com usuários de Internet no Brasil – 4ª edição**: Cultura, Comércio eletrônico, Serviços Públicos on-line, Telessaúde, Ensino Remoto e Teletrabalho. 2022.

PORTELLI, Alessandro. **História Oral como arte da escuta**. São Paulo. Letra e Voz. 2016.

PORTELLI, Alessandro. O momento da minha vida - funções do tempo na história oral. In: FENELON, Déa Ribeiro et al (Orgs.). **Muitas memórias, outras histórias**. São Paulo: Olho d’Água, 2004.

PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente. **Projeto história**, São Paulo, (14), fev. 1997.

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter; ROCHA, Pedro Henrique; TRINDADE, Helena. Uma Geografia Decolonial da pandemia: um olhar sobre o ano de 2020. **Ensaios de Geografia**. Niterói, vol. 9, nº 19, pp. 39-65, set-dez de 2022.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história e o esquecimento**. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira In ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira; SANTHIAGO, Ricardo (Orgs.). **História oral como experiência**: reflexões metodológicas a partir de práticas de pesquisa. Teresina: Cancioneiro, 2021, p. 47-65.

SANTHIAGO, Ricardo; MAGALHÃES, Valéria Barbosa de. Rompendo o isolamento: reflexões sobre história oral e entrevistas à distância. **Anos 90. Revista do Programa de Pós-Graduação em História**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, v.27, 2020.

THOMPSON, Paul. História de vida como patrimônio da humanidade In: WORCMAN, Karen et al (Cords.). **História falada**: memória, rede e mudança social. São Paulo: SESC SP: Museu da Pessoa: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**: história oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

Pedro Vagner Silva Oliveira

Doutorando em História (História Social) no Instituto de História da Universidade Federal Fluminense-IHT/UFF. Faz parte do GT Mundos do Trabalho da Associação Nacional de História seção Piauí (ANPUH-PI). Tem experiência na área de História, com ênfase em História do Brasil República, atuando nas áreas: História Ambiental, História urbana, História Oral e memória, História social do trabalho e História do crime.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7664477149316926>

Artigo recebido em: 23 de janeiro de 2023.

Artigo aprovado em: 9 de junho de 2023.